

“Numa desordem extrema, meu espírito revolvia formas horrendas e repulsivas, mas que ainda assim eram formas; e eu chamava de informe não aquilo a que faltasse forma, mas sim o que tivesse uma forma tal que, ao surgir, seu aspecto insólito e bizarro desencorajasse meus sentidos e desconsertasse a fraqueza do homem. O que eu assim concebia era informe, não por privação de toda forma, mas por comparação com formas mais belas. A reta razão me persuadia a suprimir qualquer resto de forma, caso eu quisesse conceber o informe absoluto; e eu não podia fazê-lo. Pois chegava mais rapidamente a pensar que uma coisa não existia, ao ser privada de toda forma, do que a conceber uma coisa que estivesse entre a forma e o nada, nem forma nem nada, uma coisa informe próxima ao nada. Minha inteligência parou desde então de interrogar meu espírito, que estava repleto de imagens de corpos recobertos de forma e, à sua guisa, as alterava e variava. Dirigi minha atenção aos próprios corpos, observando mais profundamente sua mutabilidade, que os fazia deixar de ser o que tinham sido e começar a ser o que não eram. Suspeitei, quanto a essa própria passagem de forma a forma, que era em virtude de algo informe que ela se produzia, e não de um nada absoluto. Mas eu desejava saber, e não suspeitar.”

Agostinho, *Les Confessions*, XII, VI, 6, trad. francesa de E. Tréhorel e G. Bouissou, *Œuvres de saint Augustin*, XIV, Paris, Desclée de Brouwer, 1962, p. 351.

## Nota

Este texto é o desenvolvimento de uma comunicação apresentada em novembro de 1993, durante o colóquio *Georges Bataille après tout*, reunido em Orléans sob a coordenação de Denis Hollier. Ampliado para uma conferência proferida depois no C.A.P.C. de Bordeaux (a convite de Michel Bourel), em seguida transformado em uma série de seminários na EHESS, na Universidade de Genebra (a convite de Laurent Jenny), na Universidade John Hopkins de Baltimore (a convite de Wilda Anderson e Milad Doueïhi), assim como na Universidade Harvard (a convite de Jann Matlock e Marjorie Garber), o texto assumiu o tamanho inesperado de um livro.

Isso justificou sua publicação em separado, ainda que tenha sido pensado, desde o início, como o momento particular de uma pesquisa de maior envergadura sobre a noção de semelhança, pesquisa que se realizava já havia alguns anos sobre os objetos de uma longa história – todos ligados, em maior ou menor grau, à iconografia cristã –, e da qual a obra de Bataille poderia ser considerada o ponto realmente final, de algum modo a moderna *condição de impossibilidade*.

Este ensaio poderia então ser lido no espírito de um “Manual de iconografia anticristã”, ou mesmo de um “Para além do princípio da iconografia”. Quanto às frases de Santo Agostinho citadas em epígrafe, elas designam, como se terá compreendido, um momento, uma *posição herética* que o grande teólogo, em seu texto, se encarregava em seguida de “converter”. A posição de Bataille talvez se definisse a partir deste tipo de momento: *antes de qualquer* conversão (*antes de qualquer* coação histórica), *após qualquer* ortodoxia (*após qualquer* coação obsessiva), a posição irreligiosa por excelência.

Três extratos deste trabalho foram publicados na *Nouvelle Revue de psychanalyse*, n° 50, 1994, p. 237-261, na *Cinémathèque*, n° 6, p. 15-38, e nos *Cahiers du Musée National d'Art Moderne*, n° 50, 1994, p. 5-29. Agradeço a Dominique Païni e à *Cinémathèque française*, que tiveram a amabilidade de realizar os fotogramas de Eisenstein (figuras 98, 99 e 104-107). Por fim, agradeço a Jean-Michel Place, o “reeditor” de *Documents*, por nos ter confiado generosamente as ilustrações originais que são o objeto deste estudo.